

**Tia Bu**  
**e o mundo de Elissa**  
**- à descoberta da Arquitectura -**

VERSÃO PRELIMINAR

VERSÃO PRELIMINAR

## Índice

1.	Tia Bu .....	5
2.	Duas irmãs fenícias .....	15
3.	As formas querem brincar .....	33
4.	A errante .....	41
5.	Vamos procurar tesouros.....	51
6.	Nasce uma nova cidade .....	67
7.	As cidades não são para gigantes .....	77
8.	Cartago, a memória viva de Elissa .....	81
9.	No mundo de Elissa .....	91
10.	Pequeno manual da tia Bu.....	101

VERSÃO PRELIMINAR

## 1. Tia Bu

Sempre que fazemos a viagem para o norte, para a casa dos avós, alguma coisa acontece.

A praia é muito ventosa e cada vez que lá vamos parece ter menos areia, mas existem umas casinhas de pano às riscas que são muito engraçadas e dá para brincar lá dentro. A mamã queixa-se que nesta praia não há bolas de Berlim e que a água é muito fria. O papá não se importa muito, usa uns fatos pretos sempre que leva a prancha e aproveita as ondas. Conhece as bem porque cresceu no norte.

Os avós conhecem toda a gente, ao ponto do meu avô ser conhecido como o “senhor da praia”. É uma pessoa muito importante lá. Está sempre na brincadeira mas não consegue correr muito. Quase nunca me consegue apanhar.

Mas a verdade é que as coisas mais giras acontecem quase sempre em casa dos avós. É lá que vive a tia Bu.

A tia Bu é a irmã mais velha do papá, mas não tem nada a ver com ele. Não faz surf e raramente vai à praia. Dizem que não gosta de areia. Talvez por isso esteja sempre tão branquinha.

A tia Bu consegue ser muito estranha. Muito estranha mesmo! O que será que anda a fazer agora?

Uma coisa sei, assim que chegarmos a casa dos avós ela vai aparecer na sala e vai fazer bu buu, com aquela vozinha que só ela consegue fazer. O papá diz que a tia faz isto desde que nasci, e já lá vai muito tempo. Toda a gente diz que já sou um menino muito crescido. E sou! Já tenho quatro anos!

Desta vez queria que fosse diferente, mas o papá não deixa. É sempre a mesma coisa!

Sou sempre o último a sair do carro (e o primeiro a ficar sentado), mesmo quando quero sair a correr para ser o primeiro a chegar à porta da casa dos avós e esconder-me por detrás do arbusto. Enquanto não conseguir tirar o cinto da cadeira sozinho nunca vou conseguir pregar um susto aos avós quando chegarmos ao norte.

E depois parece que gozam comigo quando me tiram do carro e dizem que se eu não fizer muito barulho quando entrar em casa ainda posso surpreender a tia Bu. Devem mesmo estar a brincar! Depois do barulho todo que fazem assim que o papá estaciona o carro, é impossível que a tia não saiba que eu já cheguei. A tia e todos os vizinhos do bairro!

Mas lá vou eu a correr, à procura das novidades, porque verdade, verdadinha, há sempre alterações e novidades na casa dos avós.

- Tia Buuu... tia Bu, aonde estás?

Não está na sala, nem na cozinha. Ah! Já a vi. Está a escrever numa mesa no jardim. E não me vem ver? Eu não digo que ela é estranha?

- Olá rapazola, já chegaste? A tia já vai ter convosco, preciso só de anotar umas ideias antes que elas se tornem mais rápidas que a sombra do Peter Pan.

Apesar de ser a mais velha, e já ter muitos cabelos brancos, tia Bu consegue viver sempre com a magia dos desenhos animados à volta dela, e muitas vezes fala como se os desenhos animados vivessem connosco ou à nossa volta. Mesmo quando fala com os outros adultos.

Os avós dizem que é uma maneira saudável, mas um bocadinho cara (porque está sempre a comprar livros e filmes), de conseguir manter o bom humor depois de trabalhar muitas horas por dia. A verdade é que tem quase tantos livros de histórias e filmes animados como a biblioteca a que os papás me levam.

E os livros de histórias estão no sótão da casa dos avós, onde a tia Bu gosta de dormir, e o sótão é um espaço muito bom para se brincar. A tia diz que é um lugar mágico, onde todos os pensamentos felizes vão parar, como o ar quente que está sempre a subir. Nunca percebi muito bem esta parte do ar quente. Quando está calor os papás levam-me à praia e não ao sótão. Talvez quando deixarmos de viver num prédio e passarmos a viver numa casa com sótão eu vou perceber melhor.

- Ana, já chegaram!

Lá estão os avós outra vez. A falarem alto assim ía mesmo conseguir pregar um susto na tia. Mas conseguiram que ela se levantasse e viesse direitinha a mim.

- Bu buu! Então como está o meu sobrinho preferido?

E com esta não consegui escapar a que me pegasse ao colo e me desse dois beijinhos.



- Tia Bu! Eu já sou grande. Não sou um bebé!

Mas de pouco me valeu. Continuei ao colo dela enquanto foi dizer olá aos papás. Cheira sempre a qualquer coisa diferente, e não é como os perfumes da mamã ou da avó. A tia Bu cheira a laranjas, ou a farinha, ou a detergente da loiça. Às vezes lava o cabelo com um shampoo que cheira a maçã. E sei sempre quando estive a comer um chocolate quadrado, muito fininho. A mamã diz que a menta é muito forte e que eu não vou gostar, mas a minha tia gosta muito deles. Não sei dizer o nome. Tem um nome esquisito, em estrangeiro.

Pouco tempo depois de termos chegado, a tia voltou para o jardim, sentou-se à sombra e continuou a escrever. Alguma coisa se estava a passar.

Fui buscar uma bola para poder chegar mais perto sem dar muito nas vistas. Se a tia estava a escrever devia estar a trabalhar, e quando as pessoas estão a trabalhar não devo fazer barulho. Mas é sábado! Porque é que a tia trabalha ao sábado? E no jardim?

Quando consegui ficar bem mais pertinho a tia sorriu.

- Que estás a fazer tia?

- Estou a tentar escrever a história de duas irmãs que tiveram de fazer uma viagem muito grande até encontrarem uma casa onde pudessem viver.

- E as manas não podiam viver na casa com os papás?

- Não pequenito. Estas manas já não tinham papás vivos quando decidiram fazer uma viagem de barco. Mas não fiques triste, durante a viagem, que durou muitos meses, conheceram muitas cidades e muitas culturas. E depois ajudaram a construir uma cidade que ficou conhecida como uma das mais bonitas e das mais importantes no Mediterrâneo.

- O que é o “Meditenaneo”?

- O Mediterrâneo é um mar. Um mar muito importante para o desenvolvimento de muitas culturas e de muitos países que podemos conhecer hoje.

- Porque é que elas foram de barco? Não tinham carro?

- Não, não tinham carro, e na altura em que viveram também não havia muitas estradas, e não era muito seguro duas meninas viajarem sozinhas.

- Não havia estradas? Foi no tempo dos avós?

- Também não. É uma história muito antiga, muito mais antiga que os avós e que os bisavós. É como aquelas histórias que

começam com “Há muito, muito tempo, num reino distante, viviam duas irmãs”.

- E porque é que estás a escrever sobre elas? É para o teu trabalho?

- Mais ou menos. Sabes que a tia gosta muito de cidades, e de edifícios, e de passear e olhar para a paisagem.

- E de ficar parada a olhar para os passeios, e para a cor das portas e das janelas. A avó diz que é impossível passear contigo.

- A avó tem razão. Eu gosto dos detalhes da arquitectura, das coisas que dão piada e qualidade às obras. Sabes que é muito difícil encontrar um passeio bem feito? Com a largura adequada, com um pavimento bem aplicado e que não seja escorregadio, e com boa iluminação? E nos edifícios é a mesma coisa. A maior parte deles são muito desinteressantes, e poucos sabem usar a cor em seu benefício.

- E isso é importante?

- Pois é! Essa é que é a grande questão. És um menino muito esperto. Na verdade a maioria das pessoas acha que a arquitectura não é importante. Por isso é que a tia quer escrever sobre como podemos aprender a gostar e a valorizar as nossas

idades. E eu acho que a história destas duas irmãs vai-me ajudar a consegui-lo.

- Mas se elas são assim tão antigas como é que te podem ajudar agora?

- Porque viveram uma grande aventura, e no caminho aprenderam como as cidades são importantes. A mana mais velha percebia que as cidades eram um organismo vivo, que precisa de estar constantemente a ser alimentado, como as tuas tartarugas. Sabia que para sobreviverem as cidades tinham de ser bem localizadas, para garantirem segurança, precisavam de ser atractivas, bonitas e funcionais, o que lhes proporcionará a identidade e a manutenção da cultura do povo que as habita, e precisavam ainda de ter aliados, de ter outras cidades amigas com quem pudessem comprar e vender produtos. Mesmo a mais nova, a Ana, que não queria saber nada de cidades aprendeu a gostar delas.

- Tem o teu nome!

- Pois tem. (a tia Bu sorri) Ana é um nome muito antigo, e muito popular.

- E como se chama a outra mana?

- Elissa.

- Desse não gosto. Muda.
- Não posso. Era o nome dela. Temos que respeitar, pequenino.
- Mas desse nome eu não gosto. Porque é que não usas o nome da mamã? Não te rias tia Bu. É um nome mais bonito.
- Pois é pequenino. Mas cada pessoa tem o seu nome, e todas são importantes, à sua maneira. Não é o nome que é muito importante (a não ser que te queiras chamar Ernesto), mas o que consegues fazer, para ti e para os outros.
- Porque é que Ernesto é importante?
- Não é. Não deves ligar muito à tua tia. “A importância de se chamar Ernesto” é outra história. Agora a tia tem que começar a escrever. Vai ser uma aventura! Porque é que não vais brincar com a tua bola?
- Mas eu gosto de aventuras, tia Bu!
- Ai sim? E não és muito pequenino?
- Pequenino? Tia Bu! Eu já sou grande.
- Muito bem. Sendo assim, vais ajudar-me com as formas. Tens de ter muito cuidado, prometes?
- É “perigoso”?
- Não, não é perigoso, mas as formas gostam muito de brincar às escondidas. Tens de estar atento. Queres começar?

- SIM!

- Então a tia vai fazer os desenhos das formas e tu tens de pintá-los, para eles não fugirem. Quando conheceres bem as formas vamos à procura delas, está bem?

Tirou da pasta umas folhas de papel em branco e começou a desenhar as formas. Noutra folha desenhou as mesmas formas mas com diferentes tamanhos, umas maiores, umas mais pequeninas, umas mais magras outras mais gordas.

- Este é o triângulo, o quadrado, o rectângulo, o círculo, e o semi-círculo. Juntos formam as formas mais conhecidas e procuradas do planeta! Podem ter vários tamanhos e várias proporções. Só o círculo e o quadrado têm sempre a mesma figura, mas podem ser pequeninos ou grandes. Entendes?

- E o que é que as formas têm a ver com a arquitectura?

- Tudo! Elas são a base, pequenino. Sem o desenho e o uso das formas não temos arquitectura. Agora sentas-te aqui, à minha beira, e vais pintar e conhecer as formas enquanto a tia escreve. Depois vamos à procura delas!